

A MULHER DO COCO: MULHER, TRADIÇÃO ORAL E COSMOVISÃO AFRICANA NO COCO DA BATATEIRA

Alessandra Sávia da Costa Masullo¹

RESUMO

Viver-se mulher, saber-se mulher, pensar-se mulher. Foram esses os caminhos trilhados na pesquisa realizada por ocasião do mestrado em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. A pesquisa intitulada “*Na pisada feminina do Coco cearense: saberes, lutas, batuques ancestrais e contemporâneos*” foi realizada com o grupo das mulheres brincantes do Coco da Batateira, no Crato-CE, a partir da abordagem de pesquisa Sociopoética e com o referencial teórico-metodológico da Pretagogia. Ela nos possibilitou trilhar um caminho de reflexões e entendimentos sobre as histórias das mulheres do Coco da Batateira na tentativa de encontrar a Mulher do Coco, ou quem sabe reconhecê-la ali, como quem se reconhece no batuque e na pisada brincante de coquista, de ser mulher, múltipla, plural e única. Esse artigo pretende apontar, de maneira breve, a história do grupo formado pelas mulheres da Batateira e alguns dos conhecimentos elaborados por elas durante a pesquisa, a partir dos entendimentos sobre a brincadeira do Coco, sobre ser mulher, sobre Tradição Oral e Cosmóvisão Africana.

A HISTÓRIA DO GRUPO

O Coco das Mulheres da Batateira é um grupo de coquistas formado só por mulheres, atualmente são dezessete mulheres, com faixa etária entre 50 e 80 anos. O grupo surgiu entre o final dos anos de 1970 e o início dos anos de 1980, quando algumas das mulheres que hoje são do grupo, faziam parte do Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL. Durante a semana do folclore, a turma do MOBRAL da Batateira recebeu o convite para se apresentar na Praça da Sé da cidade, comemorando o dia do Folclore. Dessa apresentação em diante, o grupo foi se organizando e criando um jeito muito próprio de dançar o Coco, apenas com mulheres, em pares, passos lentos, onde as mulheres faziam o papel de homem e de mulher.

O grupo está organizado em coordenadora, pandeirista, puxadora de toeiras, damas e cavalheiros. Sete mulheres fazem as damas, outras sete fazem os cavalheiros (vestindo-se de homem, usando calças compridas e chapéu), duas puxam as toeiras (os versos das músicas). D. Edite é a coordenadora, ela é mestra do grupo e é também uma das fundadoras. Algumas das mulheres são agricultoras, artesãs do barro ou de bonecos de pano, costureiras. Há uma que é cuidadora, cuida de pessoas idosas ou doentes. Quase todas são nascidas no Crato, há uma que é de Várzea Alegre no Ceará, outra que é de Baixa Funda, em Pernambuco, mas as duas vieram para o Crato quando ainda eram crianças. Quase todas são casadas e têm filhos ou filhas, netos ou netas, bisnetos ou bisnetas, mas algumas são solteiras e vivem com irmãs,

[Digite texto]

mãe. Duas são viúvas. A maioria tem pouco estudo, algumas são apenas alfabetizadas, mas nem todas sabem ler e escrever. Todas tem uma religiosidade muito forte, poucas são praticantes de religiões de matriz africana, a maioria é católica envolvida com as práticas da igreja local, na qual participam das missas, novenas, missões, encontros de renovação, e em muitas dessas atividades a participação se dá com as apresentações ou rodas de Coco.

A maioria é mezinheiras e lida com a manipulação das ervas, algumas são rezadeiras ou benzedoras. Algumas mulheres têm uma atuação política na cidade, para além da ação cultural, participam de movimentos comunitários, lutas sindicais, partidárias. D. Edite é afiliada ao Partido Comunista do Brasil, o PC do B. Elas contam que a vivência política veio antes da brincadeira do Coco, no tempo da ditadura, quando participavam de peças teatrais que falavam contra o sistema capitalista. O surgimento e a existência do grupo traz a marca dos movimentos sociais locais, bem como a marca da religiosidade do Cariri.

OS SABERES PRODUZIDOS NA PESQUISA

Na realização da pesquisa através dos dispositivos da Sociopoética e da Pretagogia, o Parangolé e a Terreirada dos Quatro Elementos¹, foi possível formular conceitos sobre ser mulher e ser brincante do Coco. As mulheres elaboraram reflexões sobre sua vivência, sobre sua religiosidade, sistematizando conceitos atravessados pela poética dos afetos (confetos), desterritorializando-se, criando personagens, imagens, explicitando sentimentos, emoções, descrevendo energias e pulsões. Os confetos surgem na busca da compreensão – e ao mesmo tempo da explicação – sobre o que é o Coco, o que é ser a mulher do Coco, mas também do que é ser mulher no Coco, questão esta que se manteve conosco lado a lado durante toda a pesquisa.

Destaco nesse artigo, três confetos: *Mulher Quebra pedra; Mulher Coco barrim; Coco tirado do tesouro.*

¹ O Parangolé é uma técnica que se baseia na obra de Hélio Oiticica, na confecção de uma vestimenta que se transforma na própria personagem. Essa técnica tem referência nos trabalhos de Shara Jane Costa Hadad. A Terreirada dos Quatro Elementos é uma técnica contextualizada no acontecimento da Terreirada, evento realizado pelas brincantes do Cariri, que foi elaborada por mim e Sandra Haydée Petit, para a pesquisa, tendo como foco a contato com os elementos água, fogo, terra e ar. Ambas para a produção de dados da pesquisa.

A Mulher Quebra pedra é um conceito, um confeto que associa o ser feminino à valentia, à resistência, à luta e à conquista. Ele nasce de um embate com o contexto político vivido pelas mulheres da Batateira. Elas destacam que no começo

os maridos não deixavam as muié participar de reuniões. Aí a gente fez essa peça (teatral) porque eles não aceitavam as mulheres sair de casa, só era pra tá da sala pra cozinha. Aí então a gente fez essa reunião pra poder quebrar essa pedra pras mulher também participar das reuniões (Mulher coquista).

Percebo que o confeto explica a situação da mulher que busca sua autonomia e liberdade de participação; a mulher que fica presa em casa, impedida de exercer suas atividades socioculturais, circunscrita às tarefas da cozinha. Há assim uma relação desigual no campo do gênero, onde o homem pode tudo e a mulher não pode nada. “Quebrar essa pedra” parece associar-se à capacidade de fazer rompimentos diante de situações que exigem ocupação de novos lugares de produção de si e de suas atividades socioartísticas-culturais. Esse confeto sugere uma mulher que rompe o silêncio da esfera privada, do aprisionamento familiar, doméstico e que interfere nas formas naturalizadas, institucionalizadas e endurecidas da vida social. O confeto desvela a mulher de potência, cantada e visibilizada na e pela arte do Coco:

As mulheres da Batateira, elas são umas guerreira,
Elas fazem artesanato e são fortes rezadeira.
As mulheres da Batateira, também são agricultora,
E fazem sabão de aproveitamento
Pra mostrar sua cultura,
Elas têm garra no peito
Elas são umas guerreira, as mulheres da Batateira
Elas fazem artesanato e são fortes rezadeira.
(Trecho do Coco produzido pelas mulheres da Batateira, durante a pesquisa).

Essa potência, pelo que se pode inferir, é reveladora de muitas capacidades e competências. É interessante observar que o confeto mulher quebra pedra está para além daquela mulher que apenas resiste e que “tem garra no peito”; essas mulheres criam e inventam as coisas, “quebram pedras pras mulher”, limpam os caminhos para as outras mulheres poderem passar e participar; constroem laços, rotas de fuga. Criam cultura. Entretanto, observando a história do feminino no ocidente, tomando como referência Nunes (2000), vemos que a construção da subjetividade feminina sempre esteve diretamente ligada aos diferentes mitos, cultos e comportamentos religiosos, permanecendo por muito tempo aprisionada sob o poder patriarcal. Essa compreensão leva-me a crer que nossa cultura, [Digite texto]

fundamentalmente patriarcal, é realmente uma construção social. Portanto, ao longo da história do feminino, deparamo-nos com diferentes produções da subjetividade.

A Mulher Coco barrim é um confeto fez emergir um feminino que ora é homem, ora é mulher. Percebi que este confeto é explicitado pelas mulheres coquistas da Batateira para se referirem aos papéis e a sua condição em relação aos homens, por um lado, e por outro, para destacarem em si um poder, que aparentemente é de natureza masculina, pois está relacionado à força, à coragem, à determinação para resolver situações e desempenhar tarefas pesadas do cotidiano. A fala a seguir é reveladora:

[...] eu com 10 anos de idade, com 8 anos eu já sameava era legume mais meu pai pra prantar. Meu pai cavando e eu atrás dele sameando, sameando o legume pra mode eu prantar. Ninguém num sabe disso, não. Ah, como foi? Foi todo mundo trabaiano (Mulher coquista)

Como vemos, a mulher destaca seu poder e habilidade na lida da roça, em pé de igualdade com seu pai. Já na passagem seguinte, a coquista questiona as diferenças e compara os papéis exercidos por homens e mulheres, o que podem ou não podem fazer, destacando os limites socioculturais das mulheres em relação aos homens:

Por que é essa diferença, quando é filha mulher, quando é filho homem? Porque quando ele tá na adolescência, muitos... tem deles que arrumar logo é amizade. E a menina mulher é mais caseira e é mais frágil, e é mais fácil conversar com ela. E o menino homem, quando ele tá na adolescência, nessa adolescência que tá acontecendo agora, não tô dizendo com todos e nem tô discriminando ninguém. Tá entendendo, não tá, como é que eu tô dizendo? E quando a mãe dá um conselho: “home, eu não quero conversa, vai pra lá, vai te lascar, carái!”. Eu num tô dizendo que com todos é assim. (Mulher coquista).

A indagação faz sentido, visto que essa diferença tem uma razão de ser, como esclarece Louro (1997, p. 47): “a atribuição da diferença está sempre implicada em relações de poder, a diferença é nomeada a partir de um determinado lugar que se coloca como referência”. Essas diferenças quanto à organização e ao desempenho das relações e papéis entre homens e mulheres é algo que se reproduz há séculos, onde a mulher desenvolve papéis circunscritos ao lar e o homem, funções públicas. Tratam-se de relações que são construídas historicamente, nas quais se deve considerar o processo dinâmico de como os indivíduos se relacionam entre si. É no movimento entre as determinações socioestruturais, as conquistas

[Digite texto]

culturais e as iniciativas dos indivíduos em sua singularidade que se definem formas de ser e agir quanto às relações de gênero (SANTOS, 2005). Assim, vão sendo construídos e redefinidos papéis que mulheres e homens assumem na sociedade.

Segundo Scott (1995), gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e também um modo primordial de dar significado às relações de poder. Como referências, as representações de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social.

Nesta outra passagem, observo que a mulher do Coco da Batateira, é uma mulher que, além de passar por diferentes e sofridas situações, muitas vezes sozinha, sem ninguém para dela cuidar, também assume o papel de provedora, como se pode perceber na fala abaixo:

[...] A minha vida é devagar e meia corrida (...) eu tive quatro (filhos) aí eu arranjei o cunhado dela e aí tive um filho. Minha fia, eu empreguei, fiquei doente, trabalhando... as pernas, as veias estorou tudo! Num teve uma pessoa que aparecesse para me ajudar. [...] Aí depois eu fiquei doente, passei mal, depois tive um negócio de botar sangue pelo nariz, quase eu viajava. [...] Depois eu fiz minha casinha ... sofri, sofri, sofri quatro anos e meio atrás do aposento dele, mas venci, aí fiz minha casa. E hoje Deus me deu e eu tô no céu. Pronto, não tem goteira, tá lá toda arrumadinha. Não convido pra ir lá, porque tem meu filho que não é bom da cabeça (...) é meu mais velho. Eu cuido dele, cuido do trabalho, cuido de tudo na minha vida. Tudo! Eu sou o homem e a mulher na minha casa (Mulher coquista)

Podemos ver que cumprir o papel masculino de provedora econômica não representa um problema para a mulher, acostumada a “pegar no pesado” quando a vida requer. Contudo, uma pergunta que comumente se faz é a seguinte: mesmo assumindo o papel de provedora do lar, função socialmente atribuída ao masculino, a mulher é reconhecida e respeitada moralmente como tal, ou essa identificação continua sendo atribuída ao homem? Sarti (1994, p. 3) responde que não necessariamente a relação se altera:

Cumprir o papel masculino de provedor econômico não configura, de fato, um problema para a mulher, acostumada a trabalhar, sobretudo quando tem precisão, para ela, o problema está em manter a dimensão do respeito conferida pela presença masculina. Quando as mulheres sustentam economicamente suas unidades domésticas, podem continuar designando, em algum nível, um “chefe” masculino. Isso significa que, mesmo no caso em que a mulher assume o papel de provedora, a identificação do homem com a autoridade moral, a que confere respeitabilidade à família, não necessariamente se altera.

Vê-se que essa diferença nos papéis no contexto social da família não altera necessariamente as relações de poder exercidas pelos homens em relação às mulheres nem mexe no lugar (de poder) que ocupa historicamente nas relações sociais. A manutenção dessa situação pode ser esclarecida de acordo com o pensamento de Pierucci (1990), que faz uma crítica ao discurso da defesa das diferenças apregoada pelos chamados novos movimentos sociais, evidenciando sua sutileza. Esse autor esclarece que a certeza de que os seres humanos não são iguais, porque não nascem iguais e como tal não podem ser tratados como iguais, quem primeiro apregoou foi a ultradireita no final do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX, como reação ao ideal de igualdade e fraternidade apresentadas pela Revolução Francesa. Ele denuncia que a bandeira da defesa das diferenças, hoje empunhada à esquerda pelos “novos” movimentos sociais (das mulheres, dos negros, dos homossexuais, etc.), foi na origem – e permanece fundamentalmente – o grande signo das direitas, velhas ou novas, extremas ou moderadas.

O confeto Coco tirado do tesouro traz a representação de uma mulher brincante voltada para as tradições e para a ancestralidade, uma mulher coquista que valoriza a sabedoria de suas antepassadas, quando afirma: “esse Coco foi minha vó Santana que deixou pra mim”; uma mulher que procura (re) ligar o presente e o passado, o passado e o presente; reverenciar seus ancestrais, cuidar da memória – um elemento integrante na tradição da vida dos povos africanos. Aliás, a memória africana, segundo Hampâté Bâ (1982), é caracterizada por um senso de unidade, de totalidade:

uma das peculiaridades da memória africana é reconstituir o acontecimento ou a narrativa registrada em sua totalidade, tal como um filme que se desenrola do princípio ao fim, e fazê-lo no presente. Não se trata de recordar, mas de trazer ao presente um evento passado do qual todos participam, o narrador e a sua audiência. [...] (HAMPÂTÉ BÂ, 1982, p. 215).

O confeto Coco tirado do tesouro trata exatamente dessa mulher brincante que reconta e atualiza a memória de suas bisavós, avós, pais e mães, como mostra o depoimento abaixo:

Meus pais não tinham emprego, não tinham leitura. Tinha que trabalhar era isso, artesanato, era fazendo e cantando. Eles faziam e cantavam. Cantava moda, música fazia panela, prato, pote, cabaça, quartinha, cangaceiro, animal com caçua, fazia carro, fazia gente. Quando eu fui me entendendo de gente já fui vendo eles fazendo, eu não sei com quem aprenderam, não. Por isso que eu cresci fazendo essas coisas, cantando. (Mulher coquista)

Percebo que se trata de uma mulher que aprende pela oralidade e pela vivência ativa na relação com seus pais, avós e parentes, pela relação direta com a arte da criação, como uma artesanaria, onde se articulam tradição, saber, técnica e memória. Constato também, a exemplo do que revela Farias (2014), que as produtoras das danças populares advindas das negras e negros, em sua maioria, não dominam a escrita e seus saberes são repassados por meio da oralidade. E a oralidade, segundo Hampatê Bá (1982), é apresentada como um conceito amplo e filosófico, destacando os seguintes elementos: o caráter sagrado da fala; a fala como força vital; a fala como vibração que produz ritmo e música; a tradição como forma de aprendizagem e iniciação; a importância da viagem como dimensão formadora; a importância da genealogia; os ofícios tradicionais; a visão de totalidade e de percepção total.

“Eu fui pelo caminho e encontrei um toco em pé...”.

Isso era minha avó que cantava, era levantando os pote e cantando. Eu só aprendi um pouquinho. Minha tia que já morreu e vai fazer uns dois anos, foi que acabou de me ensinar (Mulher coquista).

A oralidade, portanto, é mais que o “testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra”, como defende Vansina (1982; p. 159). Nela se inclui, conforme explica Altuna (1993, p. 37-38):

Fórmulas rituais: orações, invocações, juramentos, bênçãos, maldições, fórmulas mágicas, títulos, divisas.

Textos Didáticos: provérbios, adivinhas, fórmulas didáticas, cânticos e poesias para crianças.

Histórias Etiológicas: explicações populares do porquê das coisas, evoluções das coisas até ao estado atual.

Contos Populares: história só para divertir.

Mitos: todas as formas literárias que utilizam símbolos (...)

Poesia variada: amor, paixão, caça, trabalho, prosperidade, oração.

Poesia Oficial: histórica, privada (religiosa, individual) comemorativa (panegírica), poesia culta, ligada às castas aristocráticas e senhoriais; poesia sagrada cantada nos ritos religiosos e mágicos, em cerimônias de sociedades

secretas, em ritos fúnebres, poesia que interpreta os mistérios da vida e da morte; poesia popular, cantada nos jogos a volta do fogo, transmissora de ensinamentos morais e históricos.

Narrações Históricas: listas de pessoas e lugares, genealogias, histórias universais, locais e familiares, comentários jurídicos, explicativos, esporádicos e ocasionais.

O repertório cultural e musical do Coco da Batateira traz a memória e a oralidade para o centro de sua expressão e isso tem um impacto muito forte na vida das mulheres porque a palavra falada e cantada tem energia transformadora, como explica Hampatê Bá (1982), devido a sua origem divina e às forças nela depositadas. A fala, segundo o autor, é um dom de

[Digite texto]

Deus, é força vital, porque gera movimento, vida e ação. Para este autor, no universo tudo fala; tudo é fala que ganhou corpo e forma. Assim, a mulher brincante que se revela na vivência das mulheres da Batateira tem uma ligação muito profunda e sagrada com a palavra cantada, porque canta tudo aquilo que vive, porque vive tudo aquilo que canta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise e reflexão sobre os confetos produzidos na pesquisa apontam indicações interessantes sobre os significados de ser mulher, de ser brincante e ser mulher do Coco, a mulher que tem no seu cotidiano e na sua história as marcas de suas africanidades.

O confeto Mulher Quebra pedra, revelou que a mulher coquista da Batateira é uma mulher cuja história é marcada por uma série de limitações, carências, desigualdades sociais e econômicas na sua relação com os homens, com a família e a cidade. Infere-se que essa situação é associada à metáfora da pedra, que tem dois significados: por um lado sintetiza ou desnuda uma mulher marcada pela dureza da vida, que, desde a infância, vive situações sociais e familiares extremamente difíceis, travando uma forte luta pela sobrevivência, que se materializa nas dificuldades para criar os filhos, ter boas condições de moradia, acessos às políticas públicas de saúde, educação, cultura e lazer; por outro, evidencia uma mulher educada na mística religiosa, na resistência e na coragem, capaz de construir estratégias de resistências e de enfrentamento das relações desiguais de gênero, ancorada nos saberes, conhecimentos e experiências que têm origem na vida rural, espaço sociocultural onde se teceram como artesãs da arte e da cultura popular. A metáfora também indica que essas mulheres continuam “quebrando pedra” para levar e manter sua arte, suas tradições, para manterem viva sua identidade afrodiáspórica, continuar produzindo-se como artistas e mestras (devir artístico), superar os preconceitos dos mais novos.

A pesquisa também trouxe a questão relativa aos devires femininos e masculinos vividos pelas mulheres na família, na comunidade e na sociedade. Esses devires trazem à tona a questão das diferenças entre homens e mulheres, naturalizadas pela sociedade, onde se escondem as razões e causas que as mantêm. Sabe-se que as causas que mantêm naturalizadas as relações desiguais entre homens e mulheres se assentam no patriarcalismo, no machismo e na divisão social dos papéis sustentado pela sociedade capitalista. Contudo, pude perceber, mesmo sem um grande aprofundamento, que as determinações socioestruturais não podem ser tomadas de forma definitiva, uma vez que a vivência do devir feminino e masculino pelas

[Digite texto]

mulheres sugerem linhas de fuga que podem apontar para outras possibilidades, inclusive superar as perspectivas historicamente estabelecidas de explicação das diferenças entre homens e mulheres – a perspectiva essencialista e a perspectiva culturalista. Essas linhas de fuga disparam possibilidades de entendimento e reflexão sobre as questões da igualdade e da diferença, fugindo dos determinismos e tomando como referência o movimento das singularidades e das iniciativas individuais e coletivas no âmbito familiar, intrafamiliar e no âmbito das relações comunitárias.

No que tange à mulher brincante, a pesquisa revelou uma mulher conectada com a história, as memórias e com sua terra-mãe África, sustentada por uma espiritualidade que vem de seus ancestrais e das forças sagradas que estão presentes no território; é uma mulher guardiã das tradições, do patrimônio (material e imaterial), da memória e dos saberes oriundos da cultura afrodiáspórica, que corajosamente luta para manter a brincadeira do Coko sempre pulsante na comunidade e na cidade; é uma mulher que reafirma o sentido ontológico da festa como espaço sociocultural, no qual se atualizam e se fortalecem os laços de solidariedade, companheirismo e comunitarismo; é uma mulher que toma a oralidade como meio de aprendizagem e manutenção dos processos de criação e reprodução do saber e das experiências.

Pode-se perceber que a transmissão dos conhecimentos pela oralidade, é uma forte marca da africanidade das mulheres da Batateira. A oralidade é um caminho atual e necessário, primeiro, para recuperar e devolver à comunidade, ao povo o direito à palavra, aquela palavra que é sabedoria e experiência de vida; segundo, para fortalecer e manter viva a tradição dos seus ancestrais; terceiro, o marcador evidenciou que, ao contar sua história e a história dos seus antepassados, a mulher do Coko da Batateira afirma sua identidade de mulher brincante e negra, e atualiza em si mesma o que ela é e o que a comunidade é.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTUNA, Raul de Asúa. Cultura Tradicional Bantu. Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1993.

BÂ, Hampaté A. A tradição viva. In: História Geral da África. KI-ZERBO. São Paulo; Ática/UNESCO, 1982.

FARIAS, Camila Mota. 2012. O Coco vem de dentro da gente: ressignificações culturais da dança do coco em Balbino – CE (1997-2012) . Fortaleza, CE. Monografia de graduação. Universidade Estadual do Ceará, 108 p.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

NUNES, Cícera. A cultura de base africana e sua relação com a educação escolar. In: Revista Metáfora Educacional, versão online, n.10, jun./2011. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2011.

PIERUCCI, A. F. Ciladas da Diferença. Tempo Social; Rev. Social, USP, S. PAULO, 2 (2): 7-33, 2. Sem. 1990.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Recife, SOS Corpo - Gênero e Cidadania, 1996.

VANSINA, J. Tradição Oral e sua Metodologia. In: História Geral da África. KI-ZERBO. São Paulo; Ática/UNESCO, 1982.